

Aguenta Firme

IVAN JAF

Ilustrador: LUIZ GÊ

O texto ficcional desta obra é o mesmo da edição anterior

Aguenta Firme
© Ivan Jaf · 2000

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

DIRETOR EDITORIAL · Fernando Paixão
EDITORA · Gabriela Dias
EDITOR ASSISTENTE · Fabricio Waltrick
APOIO DE REDAÇÃO · Pólen Editorial e Kelly Mayumi Ishida
PREPARADORA · Lizete Mercadante Machado
COORDENADORA DE REVISÃO · Ivany Picasso Batista
REVISORA · Cátia de Almeida

ARTE

CAPA · Exata
PROJETO GRÁFICO · Tecnopop
EDITORA · Cintia Maria da Silva
ASSISTENTE · Ana Paula Fujita
EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA · Zin Pan Exata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS · RJ

J22a
2.ed.

Jaf, Ivan, 1957-
Aguenta Firme / Ivan Jaf ; ilustrações Luiz Gê. -
2.ed. - São Paulo : Ática, 2011
136p. : il. - (Sinal Aberto)

Inclui apêndice e bibliografia
Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-10666-0

1. Imigrantes - São Paulo (SP) - História -
Literatura infantojuvenil. 2. São Paulo (SP) - História
- Literatura infantojuvenil. I. Gê, Luiz. II. Título. III.
Série.

06-3016.

CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10666-0 (aluno)
ISBN 978 85 08 10667-7 (professor)

2011

2ª edição, 1ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática · 2000
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 0800-115152 – Fax: (11) 3990-1776
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional – atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Máfia à brasileira

São Paulo dos anos 1920: uma cidade em ebulição. Suas novas fábricas começam a trazer o progresso; uma ativa classe operária constituída por milhares de imigrantes vai sendo formada; as ruas passam a conhecer o alarido das buzinas dos primeiros automóveis; novidades incríveis estreiam no cinema; as ondas do rádio trazem a voz de locutores do outro lado do mundo; nos bares e restaurantes comentam-se as loucuras de um grupo de jovens artistas conhecidos como modernistas.

É nesse cenário que surge a **Aguenta Firme**, uma sociedade fundada por quatro **imigrantes italianos**: Theodoro Soriano, Júlio Rocca, João Scarpa e Carmino Bressi. Não se trata de uma associação cultural, muito menos esportiva. A Aguenta Firme surge para surrupiar “os bens pertencentes aos outros”. Com estatutos e regras rigorosas, os rapazes roubam — sem usar violência física ou armas — para angariar fundos e, assim, realizar seus sonhos e desejos mais absurdos. No entanto, os assaltos chamam a atenção da imprensa e do subdelegado Pomphilo Marmo, que tenta acabar com as ousadas ações dos simpáticos italianos fora da lei.

Divirta-se com esta história cheia de aventura, humor e emoção, ambientada numa **reconstituição fiel** da cidade de São Paulo do início do século XX. Depois de conferir as peripécias dos integrantes da Aguenta Firme, conheça melhor o autor Ivan Jaf em uma entrevista exclusiva, que você acha no fim do livro.

Não perca!

- *O difícil cotidiano dos imigrantes italianos no Brasil.*
- *Um retrato da cidade de São Paulo no início do século XX.*

Sumário

1 · Primeira ata. E última.....	7
2 · A cabeça está longe dos pés.....	14
3 · Problemas no comércio.....	24
4 · Primeiro acerto.....	26
5 · Quatro maneiras de gastar dinheiro.....	28
6 · Vontade de trabalhar.....	32
7 · Pérolas aos porcos.....	33
8 · Viagem de negócios.....	42
9 · O carro oficial.....	47
10 · Como o diabo gosta.....	48
11 · Futuro incerto.....	51
12 · Polícia em férias.....	51
13 · Seguindo os rastros.....	55
14 · Gato e rato.....	57
15 · A união faz a força.....	62
16 · Italianità é o cazzo!.....	66
17 · Influência francesa.....	68
18 · O amor constrói, limpa e encera.....	69
19 · Esperando amadurecer.....	71
20 · Ajuda de fantasma.....	72
21 · Sonho anarquista.....	76
22 · Andar faz bem.....	78
23 · Juntando retalhos.....	82
24 · O futuro desanda.....	91
25 · Desterrado para o sótão.....	92
26 · Botando a boca no mundo.....	95
27 · As dores de cabeça que a fama traz.....	96
28 · Crises de identidade.....	97
29 · As pistas buzinam.....	100
30 · Desatando fios.....	104
31 · Assalto aos cofres públicos. E desta vez não foram os políticos.....	105
32 · Quem ri por último leva bala.....	109
33 · Homenagem a Annita.....	110
34 · Mamma estraga o figlio.....	111

35 · Preparativos para o noivado.....	113
36 · Porcos confessam que são coelhos.....	119
37 · Bolo de macarrão.....	122
38 · Bloco de sujos.....	125
39 · Chuvas providenciais.....	126
40 · Somos todos bons.....	128
41 · Cada um por si.....	130
Bate-papo com Ivan Jaf.....	131
Obras do autor.....	135

1

Primeira ata. E última

— Bom. Vamos começar. Alguém aí sabe que dia é hoje? — perguntou Theodoro Soriano.

— Sexta — respondeu João Scarpa.

— *Bestia!* Dia do mês!

— Hoje é primeiro de novembro de 1922 — lembrou Carmino Bressi. — Capricha na letra, Theo.



THEODORO SORIANO

Nascido em Gênova, Itália, em 1891. Desembarcou em Santos em 1917. Fichado pelos agentes de recrutamento da imigração. Colocado num trem para São Paulo, capital do estado, até a hospedagem oficial da Casa do Imigrante. Seria recrutado como trabalhador nas fazendas de café. Saiu para comprar cigarros e não voltou. Estelionatário. Praticou pequenos furtos, arrombamentos de casas e comércio, bateu carteiras, roubou no carreado e no bilhar. Em 1921 conheceu Annita Gunner e entrou de sócio em seu estabele-

cimento, na rua Tymbiras 28, uma transversal da avenida São João.

— “Nesta gloriosa data de primeiro de novembro de 1922, dia de Todos os Santos, e com a proteção especial de São Gennaro...”

— Desse jeito não assino! — reclamou Júlio Rocca. — A religião transforma os vivos em cadáveres, perpetua a escravidão das massas e...

— *Stai fermo!* — cortou Theodoro. — Não comece a falar como um livro. Aqui ninguém gosta dos padrecos. Pronto.

— Eu gosto dos padres — afirmou Carmino.

— Você gosta de qualquer coisa que use saia — implicou Júlio.

— Se fizer xixi sentado e não for sapo... — acrescentou João.



JÚLIO ROCCA

Nascido em Milão, Itália, em 1895. Franzino. Viciado em chope. Expulso da Itália pelo avanço do fascismo. Herdou as convicções anarquistas do pai, morto durante uma greve. Chegou ao Brasil em fevereiro de 1921. Conseguiu trabalho numa tipografia da travessa do Brás. Morava em quartos de pensões baratas, no mesmo bairro. Colaborava para jornais anarquistas e imprimia

panfletos revolucionários numa gráfica clandestina no largo do Piques. Passava as noites nos bares da avenida São João, esperando a saída dos teatros, e quase sempre terminava em um quarto da rua Tymbiras 28.



JOÃO SCARPA

Nascido na Calábria, Itália, em 1888. Desembarque no Brasil: 1918. Muito forte, 108 quilos, 1,98 m. Permaneceu no porto de Santos, como estivador. Nas comemorações pela virada da década quebrou o pescoço

de um turco que falou mal da Itália. Fugiu para São Paulo. Escondeu-se no porão de um cortiço da rua Treze de Maio, no bairro do Bexiga. Fichado pela polícia de Santos, não pôde mais se empregar legalmente. Como ladrão, limitou-se a roubar chumbo dos encanamentos, cobre das calhas de água, fios da Light and Power e rosas nos cemitérios, para colar as pétalas e revendê-las em botão no dia seguinte. Conheceu Theodoro Soriano em janeiro de 1922, quando este, vestido de padre, lhe pediu donativos para os órfãos da Armênia. Foi convencido por Theodoro a frequentar a casa de Annita, e a usar sua força de forma mais lucrativa.

— Tudo bem — concordou Theodoro. — Vamos deixar os santos fora disso. “Nesta gloriosa data... nós, aqui reunidos, Theodoro Soriano, Júlio Rocca, João Scarpa e Carmino Bressi...”

— Ei, por que meu nome veio por último?

— Fui só lembrando e escrevendo — defendeu-se Theodoro.

— É. Mas colocou o seu primeiro.

— Lembrei primeiro de mim.

— Você quer é ser o chefe!

— Não vai ter chefe — explicou Júlio. — Só delegação de funções, mas preservando a soberania individual dos membros componentes.

— Não entendi nada — reclamou João.

— Ninguém manda em ninguém.

— Então para mim está bom, Júlio.

— Continuo não gostando de meu nome vir por último — resmungou Carmino. — Escreva naquela ordem... Como se chama? Quando um nome vem na frente do outro, só por causa das letras?

— Ordem alfabética — disse Júlio.

— Muito esperto — protestou Theodoro. — Aí seu nome vem na frente. E o meu por último. Olha aqui, pessoal... já estão em ordem alfabética, só que de trás para a frente. Pronto. Quem não ficou satisfeito levanta o braço... Muito bem, vamos passar adiante. Abaixa esse braço, Carmino.



CARMINO BRESSI

Nascido na região da Toscana, em 1893. Chegou ao Brasil no verão de 1920. Saiu da Casa do Imigrante para uma fazenda de café nas proximidades de Lençóis, interior do estado de São

Paulo. Engravidou a filha de um português, proprietário de um armazém de secos e molhados. Casou-se assim que se recuperou da surra que levou dos irmãos da menina. No inverno de 1921, após o nascimento de seu filho, saiu para comprar tomates para o molho da macarronada de domingo e não voltou. Chegou à capital só com a roupa do corpo, mas já com a promessa de emprego como motorista particular na casa dos patrões de uma mulata que conheceu no trem. Católico praticante. Frequentador da igreja de Nossa Senhora de Achiropita, no Bexiga. Pretendia trabalhar para mandar dinheiro para a mulher e o filho. O que ganhava perdia no jogo e nos quartos de Annita Gunner.

— *Va bene*. Acaba logo com isso, Theo — pediu João.

— ... então... “nós, aqui reunidos..., na casa de Annita Gunner, com orgulho fundamos esta nobre e benemérita sociedade do alheio. Trabalharemos com todas as nossas forças para que desapareçam, com a maior frequência possível, os bens pertencentes aos outros. Juramos que

para isso não cometeremos violências físicas, nem usaremos nenhum tipo de arma. Juramos colocar a serviço de nossa agremiação a inteligência, o coração e, principalmente, os braços e o pé de cabra. E, o mais importante: juramos nunca entregar os companheiros! Aquele que, por uma fatalidade, for preso, mesmo que torturado da maneira mais cruel, não entregará os outros. Deve guardar segredo até a morte. Deve aguentar firme!”

— Juro!

— Juro!

— Juro!

— Está fundada a Aguenta Firme! Um brinde! Annita, *chianti* Rufino para todos!

— Fiquei emocionada, Theo. Eu podia fazer uma associação aqui em casa também. Eu e as meninas...

— Não, *amore mio*. O seu pensionato de adultas *va bene* assim.

— Por que não, Theodoro? — empolgou-se Júlio. — A organização da sociedade deve vir de baixo para cima... primeiro em associações, depois em comunas e sindicatos, e finalmente numa grande Federação Internacional que destrua o Estado e instaure a Sociedade Libertária!

— O Júlio não pode beber que fica assim... — comentou João.

— Mas bebe o dia todo — implicou Carmino. — Ei! Olha aí, Theo! Derramaram vinho na ata!

— Borrou tudo! *Animali!* Eu não escrevo mais! Charutos para todos!

